REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 433

1 DE JANEIRO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

BULHÃO PATO

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Julio Guerra)

CHRONICA OCCIDENTAL

Mais um anno que passou á historia, o de 1890. Mas deu bem que fallar de si e hade ser bem fallado durante muitos annos entre os portuguezes, porque para Portugal esse annosinho que hontem acabou de representar o seu papel na scena do mundo, foi realmente um anno terrivel.

Eu pessoalmente não lhe quero mal nenhum, pelo contrario até, o anno de 1890 foi para mim muito amavel, muito delicado, não tenho d'elle a mais pequena rasão de queixa e como não sou ambicioso, o que peço ao anno que entra e aos que se lhe seguirem é que tomem, para comigo e para com os meus, o exemplo do seu antesuccessor; mas para o paiz não foi elle tão carinhoso como para mim e poucos annos teem em Portugal feito juz a menos lisongeiro necrologio.

Entretanto eu que lhe devo gratidão não amargurarei os seus ultimos momentos editando aqui a ladainha dos desastres e dos desgostos que durante os seus 365 dias elle deu a Portugal. Accuse-o quem quizer, que eu, que não lhe devo senão finezas, não tomo esse papel de accusador e fazendo votos para que o anno que nasce seja de felicidade e de venturas para todos passo a ordem da chronica, não me demorando mais em cumprimentos de boas festas por quanto já na minha ultima chronica cumpri esse dever gratissimo para com os leitores do Occidente e até o cumpri á chineza, que é um luxo que ninguem ainda se tinha permittido em Lisboa.

*

Vamos pois á chronica, e como se trata da chronica do principio d'anno não quero de fórma alguma annuvial-a com assumptos tristes, embora os meus deveres de chronista me imponham um acontecimento funebre que produziu justa e profunda sensação em Lisboa, eu falto a esses deveres com o prazer com que n'este fim de seculo muita gente boa falta aos seus.

Não quero para a 1.ª chronica do anno senão assumptos alegres e por isso vou direitinho aos theatros.

E' verdade que n'um d'elles encontro um assumpto triste, uma peça que se chama nem mais nem menos do que a *Morta*. Brr!

Entretanto o assumpto d'essa peça, que é dos mais tragicos e dos mais lugubres que ha na historia portugueza, tem, não sei porque, a aureolal-o uma atmosphera de gargalhadas e de troça, que lhe dá entrada n'esta chronica.

Não sei porque, sei tal: é pelas detestaveis tragedias a que os amores de Ignez tem servido de pasto, é até pelos grotescos quadros a missanga, a troçal, a cabello, que esse tragico episodio tem inspirado a todas as mestras de bordado, que desde Monsão até Tavira percorrem as casas particulares, levando ás meninas que os paes querem fazer prendadas, os segredos da sua arte e a nota das suas idéas mimosas.

Por exemplo, eu proprio, sem ir mais longe, alegro-me extraordinariamente quando me fallam na Ignez de Castro, esse nome accorda-me as reminiscencias alegres d'uma das noites de maior folia da minha vida.

E não pensem que vem lá já muito de traz essas recordações; não, senhores, tem os seus oito annos se tanto. Já vêem que eu não era positivamente uma creança, era simplesmente mais novo oito annos do que sou hoje: isto é, já tinha barba, já não tinha cabello e já tinha uma filha.

Essa minha filha, a Sarah, que hoje já vae para os doze annos e que se ri agora immenso quando ouve contar a historia d'essa Nova Castro da rua da Esperança do Cardal, então, não ria tanto como isso.

Ella fazia o papel mudo d'uma das filhas de D. Ignez, mas quando chegou o dia da recita tomou medo ao publico que enchia o quintal—porque a recita era no meu quintal—e para ella ir á scena, para a Linda Ignez ter filhos n'essa noite foi preciso eu ir tambem com a Sarah para o palco, servir tambem d'aquellas tenras creancinhas a quem D. Affonso IV devia ter respeito.

Calculam decerto o effeito profundamente dramatico que essa scena devia ter produzido e calculam tambem o que foi essa representação da famosa tragedia!

Um successo colossal, que nunca mais me deixou ouvir a sangue frio fallar na Ignez de Castro.

Ora notem que esta idéa de representar a *Nova Castro* não desabrochou assim sem mais nem mais no meu cerebro.

Quando eu era pequeno ria a bandeiras despregadas com uma historia que minha pobre e querida mãe me contava d'uma recita da Nova Castro, que tinha havido em casa d'ella, quando ella era ainda solteira.

Isso ficou-me a remoer cá dentro nas minhas reminiscencias de infancia e quando ha oito annos, n'uma noite de cavaco em fazer uma recita no quintal, a Ignez de Castro sahiu-me logo pela bocca fóra.

A idéa foi approvada com enthusiasmo e d'ali a quinze dias, n'um tablado armado ao pé do galinheiro, D. Ignez declamava *Sombra implacavel pavoroso espectro, não me persigas mais, Constança, eu morro!* com profunda admiração das galinhas e dos patos, que olhavam estremunhadas e surprehendidas para aquelle espectaculo inteiramente novo para ellas.

Os fatos não eram lá d'um rigor historico por ahi além, mas eram decentes, e alguns mesmo luxuosos.

D. Pedro Cru, como convinha a um rei, vestia a farda de alferes de cavallaria de Eduardo Schwalbach, que no papel de D. Nuno vestia uma riquissima casaca côr de flôr de Alecrim. O Mendonça e Costa que fazia o papel grave, gravissimo, de D. Affonso IV trajava casaca de seda lilaz e D. Sancho vestia á actualidade porque os fatos não chegavam para tanta gente.

O espectaculo esteve por tres vezes interrompido: uma d'ellas, porque D. Sancho, reparou que D. Nuno lhe tinha tirado os cigarros e poz os pés á parede que não continuava a peça sem lhe pôrem para ali o seu masso de Ferreirinhas, outra porque o D. Affonso IV embirrou em não querer mandar matar a D. Ignez porque era muito bonita, e finalmente outro porque a minha pequena, como já contei, á ultima hora recusou-se a ir ser filha de D. Ignez.

— Não vou sem o pápá vir tambem! foi o seu *ultimatum*.

E eu lá fui tambem rojar-me aos pés de Affonso IV com um lenço branco a tapar-me as barbas, para ter um aspecto mais infantil...

E é por tudo isto que para mim a *Ignez de Castro* não é um assumpto triste.

E não foi só esta a unica representação que a *Nova Castro* tem tido, basta vêr as numerosas edições que tem essa alegrissima tragedia que tem feito desabrochar mais gargalhadas por todo esse reino de que todo o reportorio de Labiche.

Esta tradicção de galhofa, que se fez em torno dos amores de Ignez, tornaria o assumpto deveras perigosissimo para qualquer escriptor que não tivesse o talento poderoso de Lopes de Mendonça.

Apresentar esse episodio hoje no theatro era uma questão séria, mas Lopes de Mendonça com o vigor do seu excepcional engenho fez d'elle um drama magnifico, que ás horas em que me lerem deve ter sido já acclamado pelo publico no theatro de D. Maria.

Escrevo na vespera da primeira representação, e do drama só conheço uma tirada esplendida de João Rosa, e que elle diz com aquella primorosa arte de grande artista que tem feito d'elle um mestre consumado.

Conheço essa *tirada*, que é soberba, tenho ouvido todos os elogios que fazem á peça aquelles que a conhecem, e conheço o talento enorme de Lopes de Mendonça. E' o bastante para poder garantir o grande merecimento da *Morta*.

Do seu exito fallarei na proxima chronica.

*

Em S. Carlos houve uma noite perfeitamente triumphal, em que pareceu atravessar aquella grande sala de espectaculo um d'esses sopros de delirante enthusiasmo de que resam as velhas chronicas lyricas: — a noite da *Norma*.

E não foi só na sala, que o antigo theatro de S. Carlos pareceu resurgir: foi tambem no palco.

Ao vêr-se e ao ouvir-se a Theodorini cantar e representar a *Norma* com aquelle fogo sagrado de grande artista, com aquella arte maravilhosa, com aquelle estylo esculptural de tragedia classica, os velhos lembraram se dos seus aureos tempos d'aquellas grandes cantoras celebres, cujos nomes ficaram inscriptos nas tradicções gloriosas do theatro.

Maravilhosa, surprehendente em toda a *Norma*, a Theodorini é talvez a unica cantora moderna que póde arcar triumphantemente com todas as responsabilidades gravissimas d'aquelle colosso de Bellini.

O publico fez-lhe uma ovação enorme e merecidissima, uma ovação excepcional, como excepcional é realmente o talento privilegiado e complexo d'essa grande artista, grande cantora e grande comediante, que tão depressa é extraordinaria na *Gioconda* como é extraordinaria na *Lucrecia*, como é extraordinaria na *Norma*.

Brambilla secundou com muito acerto e por vezes com muita felicidade a Theodorini, e o tenor Bugatto houve-se muito discretamente, e teria talvez mesmo sido applaudido em alguns trechos com certa justiça, se não viesse do Colyseu.

*

A chronica do primeiro do anno não deve ser triste, nem longa: termino-a aqui e por isso como uma descripção generosa, que equivale bem a um casal de perús.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

BULHÃO PATO

A biographia d'este eminente poeta das lettras portuguezas, devida á pena do nosso illustre amigo sr. Conde de Valenças, será publicada no proximo numero do Occidente.

BANQUETE EM HONRA DO SR. MARIANNO DE CARVALHO

Foi em Junho do anno passado que o sr. conselheiro Marianno de Carvalho partiu para a Africa Oriental, em commissão do governo, commissão de que regressou no dia 10 de dezembro ultimo, sendo recebido em Lisboa com grandes demonstrações de agrado, como se deu noticia em o nosso numero 431.

Uma commissão composta de amigos e admiradores do illustre estadista, sob a presidencia do sr. conselheiro Silva Amado, foi a promotora da brilhante recepção e do banquete em honra do sr. Marianno de Carvalho.

O banquete realisou-se no dia 24, no salão da Trindade, artisticamente decorado para esse fim, sob a direcção de Raphael Bordallo Pinheiro, que se desempenhou com a arte e bom gosto que todos lhe reconhecem.

As paredes da escada e do salão occultavam-se sob massiços de plantas, algumas de rara belleza, emmoldurando ricas tapeçarias que cobriam as portas e janellas do salão. Em volta da varanda da galeria debruçavam-se custosas colchas da India, e nas columnas que a sustentam elegantes tropheus d'armas africanas enfeitados com flôres e fetos. Ao fundo, sobre o palco, via-se uma floresta africana formada por plantas d'aquelle paiz, povoada de algumas aves embalsemadas da mesma origem. Um retrato do sr. Marianno de Carvalho e uma bandeira portugueza dominava a improvisada floresta. Ao longo do salão, as mezas formando tridente, tinham logar para 250 convivas. Era tambem de muito gosto a decoração das mezas.

Tomáram logar no banquete 230 pessoas, entre as quaes se viam representadas a politica, o funccionalismo official, a sciencia, as artes, a imprensa, o commercio, a industria, etc

Não se póde dizer que este banquete tivesse caracter politico pelos convivas que a elle concorreram, foi antes uma festa de amigos em homenagem ao distincto estadista reconhecido por partidarios e adversarios politicos.

Assim assistiram ao banquete os srs. conselheiros José Luciano de Castro e Julio de Vilhena e ambos brindaram ao sr. conselheiro Marianno de Carvalho rendendo preito aos seus altos merecimentos.

Foram quatro os brindes levantados, sendo o primeiro pelo presidente da commissão executiva o sr. conselheiro Silva Amado, ao sr. Marianno de Carvalho; o segundo d'este cavalheiro agradecendo; o terceiro do sr. José Luciano de Castro; e o quarto do sr. Julio de Vilhena. Todos os brindes foram unanimemente correspondidos.

Durante o banquete tocou a charanga da armada um escolhido reportorio. No fim foi offere-

cido pelo quadro typographico do *Diario Popular* um formoso ramo de flôres seccas enlaçado com uma grande fita de seda branca franjada de ouro, tendo bordada a seguinte dedicatoria : *Ao illustre conselheiro e proeminente jornalista Marianno de Carvalho 24-12 90 — Offerece o quadro typographico do Diario Popular pelo feliz regresso de V. Ex.ª* Este ramo foi apresentado ao sr. Marianno de Carvalho, pelo eminente artista Raphael Bordallo Pinheiro.

O MONTE DA GLORIA

A paginas 219 e 220 do 11.º volume do Occidente, publicámos uma gravura da egreja de Nossa Senhora da Gloria no Rio de Janeiro e artigo descriptivo do magnifico templo, o que nos forra agora a maior descripção, tratando-se do logar onde aquelle templo está edificado.

O Monte da Gloria, que se ergue sobre a margem direita da formosa bahia do Rio de Janeiro, é um dos pontos mais pittorescos da cidade e dos mais populosos, apresentando uma vista encantadora ao viajante que aporta á capital do Brazil.

JOAQUIM LOPES

Por meio d'estes horridos perigos,
D'estes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos,
As honras immortaes, e gráos maiores:

Luziadas—Canto vi, Est. xcv.

Assim eram os que dobraram o *Cabo das Tormentas*, que se foram por esse mundo a conquistar mares, a descrubir mundos.

Deram assumpto para um poema immortal : venturosos que eternisaram o nome da sua raça.

Portugal ainda vive d'elles; d'elles, que nem sequer as cinzas existem, espalhadas pelos ventos de quatro seculos.

Vêde, pois, como era preciosa a vida d'esse, que ainda em nossos dias nos dava exemplos do que ha tanto é passado.

Tradição viva d'esses heroes do mar, podémos admirar n'elle toda a grandeza d'aquelles.

Muitos foram elles, mas a historia só registou os nomes dos grandes capitães.

Os filhos do povo perderam-se na obscuridade da sua origem, mas nem por isso valeram menos.

Joaquim Lopes, um filho do povo, não escreveu como Fernão Mendes Pinto, um filho do povo tambem, as suas memorias, mas a publicidade de nossos dias não o deixou ignorado.

Que nos console esta conquista do seculo.

Portuguezes : descubri-vos deante do cadaver d'este portuguez, que além de ser um humanitario, é o representante d'esses leões dos mares, que dominaram n'elles com a mesma altivez com que domina no deserto o rei das florestas.

Attentae que n'elle a obra foi toda de humanidade, e se não singrou por mares a descubrir mundos, como os seus antecessores, é porque mais não havia, e então eil-o a descubrir irmãos envolvidos nas ondas, a arrancal-os á morte, a trazel-os á vida, e na luta com o mar, a ficar elle sempre o vencedor!

O mar conhecia-o bem.

Santa missão a d'este homem, que Deus encorajou para o bem, depositando no seu coração esse grande amor da humanidade, pelo qual elle se engrandeceu.

«As honras immortaes e gráos maiores:»

sem vaidade nem interesse.

Na sua humildade posto, não o ensoberbeceram as distincções humanas ; no seu coração não havia logar para ellas, e as medalhas que reluziam no seu peito, eram pallido reflexo das virtudes que habitavam lá dentro, muito mais brilhantes que todas as joias do mundo.

D'elle nos diz o eminente poeta Thomaz Ribeiro :

. . . .

« Ao pé de taes varões, á sombra d'esta gloria,
quem podes tu suppôr que estava alli? que historia.
que historia te parece condigna á historia d'estes dois,
que desse um companheiro ás sombras dos heroes?
Um navegante audaz temido em toda a parte,
que fosse além do oceano erguer nosso estandarte?...
um sabio conselheiro?... um general talvez,
que désse fama e lustre ao nome portuguez?...
Mas se elle é tão modesto, e o nome é tão singelo!
Se fosse Gama, ou Castro, ou Pinto, ou Sousa ou Mello!...
se á mingua de appellido illustre, fosse... par,
conde, barão ou duque,... em fim um titular!...
se, ao menos do thesouro houvesse um bom salario!...
mas é plebeu e pobre o triste do operario!...
Eu disse — *do operario* — achei-lhe a profissão!
n'isto se cifra a ideia e braço e coração,
Seu nome vou dizer!—roubal-o a ingrato olvido :
Joaquim Lopes!.., vês tu? nem mais um appellido!
Defronte do retrato estava o original!
Votar a gloria em vida, é raro em Portugal;
pois fez-se alli! Por Deus! consola que aos artistas
coubesse o posto d'honra á frente de conquistas,
que hão de livrar do opprobrio a historia das nações,
livrando da miseria os Miltons e os Camões.
O velho estava alli, ao pé da sua gloria!
entre os seus bons irmãos, ante o sorrir da historia.

. . . .

Mas d'esse honrado velho a grande acção qual é?
porque teve honras taes? queres saber porquê?
Pergunta aos vagalhões do oceano revoltoso,
se elle tremeu jámais ante o seu ronco iroso;
se as filhas com seus choros, a esposa com seus ais,
com seu escuro a noite, o raio, os vendavaes
fizeram trepidar o velho ante o presagio,
as luctas, o clamor, as ancias do naufragio.
Mal que do mar á terra assoma um ai de dôr,
na salvadora barca o homem salvador,
lá corre sobranceiro ao horror do cataclismo
salvando a vaga e vaga abysmo sobre abysmo!
o corpo sem vigor, que a onda ia tragar,
encontra um braço, um lenho, e sobre a praia um lar.
Ganhou (que os traz ao peito) habitos e medalhas,
nunca matando irmãos, mas a rasgar mortalhas!
Olha a distancia, ó mãe, que vae de heroe a heroe;
um mata, outro dá vida; um salva, outro destroe;
Que é de que em prol de irmãos a sua vida emprega?
ninguem na turba o vê! pois se a justiça é cega!
Ao filho, pois do povo, o povo ennobreceu;
mais que reaes mercê o povo ao povo deu.
Quando orares ao pés do celestial monarcha,
roga-lhe ampare sempre o remador e a barca!»

E Deus protegeu sempre a barca de Joaquim Lopes.

NOTAS BIOGRAPHICAS

Joaquim Lopes era natural do Algarve. Nasceu em Olhão a 15 de outubro de 1798. Seu pae era um pobre pescador, Francisco Lopes, que não descurou de o mandar á escola, onde aprendeu a ler e a escrever, coisa rara nos que seguem a pobre vida de pescadores.

Aos dez annos, porem, deixou a escola e foi para o mar pescar, estreitar relações com aquelle mundo d'agua, theatro das suas futuras proezas.

Do Algarve passou a Gibraltar onde não colheu bons proventos do seu trabalho, pelo que voltou a Portugal, a exercer a sua profissão em Paço d'Arcos.

Foi aqui que elle aprendeu a conhecer bem a barra de Lisboa e alcançou o ser nomeado remador da falua do Bugio, em 1820.

A sua intrepidez e coragem ganharam-lhe a preponderancia nos seus companheiros, a ponto de elles o acclamarem patrão de falua, em 1833, por fallecimento do que accupava este logar, sendo Joaquim Lopes o mais novo dos remadores.

Já então elle tinha praticado actos de abnegação e coragem, salvando a vida de dois rapazes prestes a affogarem-se no pequeno rio de Oeiras.

O dia era de festa e o povo folgava no arraial, quando se espalhou a noticia do perigo em que os dois rapazes se encontravam ao atravessarem o rio a vau. Das centenas de pessoas que lamentavam o caso ninguem se aventurava a salvar os desgraçados; foi Joaquim Lopes que correu em seu auxilio, e atirando-se á agua vestido como estava, arrancou as victimas á morte certa que se lhes approximava.

Foi este o primeiro triumpho de Joaquim Lopes, ao qual se seguiram tantos outros qual d'elles mais arriscadamente conquistados.

Na torre do Bugio salva um sargento de veteranos, que uma onda envolvera e estava prestes a sepultar no abysmo. Foi em 1828.

Depois salvou as tripulações da escuna ingleza *Howard Primorose*, em 1856, e em 1859 parte da tripulação de outra escuna ingleza a *British Queen*.

O governo inglez condecorou Joaquim Lopes por estes feitos humanitarios.

Tambem foi premiado pelo governo hespanhol por ter salvo os tripulantes de um navio d'esta nação.

Muitos outros factos teriamos a mencionar se não nos faltassem dados exactos, e o espaço não nos fosse limitado para estas notas biographicas do velho maritimo cuja vida é uma epopeia dos mais heroicos feitos humanitarios.

O FUNERAL

O funeral de Joaquim Lopes foi uma verdadeira demonstração publica do alto apreço em que eram tidas as suas excepcionaes qualidades

A ellas se associou desde o chefe do Estado, que mandou o seu yacht *Amelia* seguir na esquadrilha, até ao mais humilde filho do povo que se encarporou no funebre prestito.

O dia estava chuvoso e de vento rijo. Era a tempestade que saudava com os seus roncos ferozes, o cadaver d'aquelle que tantas vezes a vencera.

Em Paço d'Arcos juntaram-se os vapores *Victoria*, *Relampago*, *Marianno de Carvalho* e *Lidador* que rebocava o Salva Vidas em que foi conduzido até ao Arsenal o cadaver de Joaquim Lopes.

Os srs. Antonio Ennes, ministro da marinha, Marquez de Fronteira, duque de Palmella, Francisco Costa, Jayme Arthur da Costa Pinto e o sr. presidente da camara de Oeiras e João da Cruz empregado do Salva Vidas, pegaram ás borlas do caixão, desde a humilde casa de Joaquim Lopes até ao embarque no Salva Vidas.

A fanfarra de Oeiras seguia o prestito tocando uma marcha funebre a que o sibilar do vento e os bramidos das ondas faziam um singular acompanhamento.

No mar a viagem foi difficil e só pelas quatro horas da tarde chegou ao Arsenal o fluctuante cortejo.

No Arsenal foi feita a encommendação do corpo na capella de S. Roque, e depois o cortejo seguiu para o cemiterio Occidental, sendo o feretro transportado em uma carreta conduzida por bombeiros e marinheiros, que assim prestavam homenagem ao valente humanitario.

No prestito iam os cavalheiros que já mencionámos e os srs. Thomaz Ribeiro, ministro das obras publicas, Marianno de Carvalho, Baptista de Andrade, Eduardo Pinto Bastos, alumnos da Escola Naval, jornalistas, corporação dos carteiros, bombeiros da Imprensa Nacional com uma corôa, escola *Fernandes Thomaz*, banda Guilherme Cossoul, e muitos cavalheiros de distincção que todos esperavam o cadaver no Arsenal.

O povo aguardava nas ruas a passagem do prestito ao qual se reunia engrossando o cortejo.

No cemiterio estava uma força do regimento de caçadores n.º 2 para prestar as honras militares e a charanga da armada.

Era já noite quando se concluiram as ultimas ceremonias frouxamente illuminadas pela lua, encoberta a espaços por formidaveis nimbos que se esfumavam no firmamento.

A tempestade fazia o seu cortejo ao que ali ficava descançando em paz.

Caetano Alberto.

NOTAS DA CAPITAL

I

UM CARRO FUNEBRE

Aquelle carro fez-me uma impressão diabolica. Negro e doirado, a caixa curva e pequena assente sobre um cruzamento plano de ferros, grandes rodas salientes, deselegantes, tudo me dava uma impressão obumbrosa, como se sentisse o choque de uma descarga eletrica no fundo negro de uma catacumba subterranea.

As visões dos pesadellos, dantescas imagens talhadas em fumo espesso que se esvae lentamente, os tremulos infantis do terror das lendas, passaram no meu cerebro como um bafo do inferno, rapido, mysterioso, pesado, emquanto o carro, lento, caminhava entre as alas dos tocheiros n'uma oscilação phantastica de monstro mal desperto.

Na frente ia o caixão, coberto por uma toalha de velludo negro estellada a oiro. Tudo silente. Os pannos oscillavam com o carro, e as franjas, em pingos de oiro, iam embeber-se, aos lados, na lama que adherira ás rodas.

Uma impressão mais viva, veio então despertar em um abalo convulso os meus nervos já excita-

O BANQUETE EM HONRA DO SR. MARIANNO DE CARVALHO, NO SALAO DA TRINDADE — 24 DE DEZEMBRO DE 1890

(Desenho de L. Freire)

1 A Flotilha — 2 Casa de Joaquim Lopes, em Paço d'Arcos — 3 A sahida do Cortejo funebre do Arsenal — 4 O Salva Vidas.

MORTE DE JOAQUIM LOPES

(Desenho de L. Freire)

dos; vira dois olhos no carro, dois olhos grandes, frios, inexpressivos, fitos no cadaver que ia á frente. Tinham um brilho de aço em lamina, gelado e cortante.

Immoveis nas cortinas pretas, elles seguiam todos os movimentos do caixão, sem demoverem a fixidez, sem pestanejarem, porque não tinham palpebras.

Se o caixão oscillava, elles oscillavam egualmente, com uma lentidão de cruêsa, uma ironia de ferro involvendo aquelle corpo n'uma hypnose que o prendia, libertando-o.

E lembrei-me como seria um martyr, esse que ali ia, immovel, entre as tabuas do caixão, se sentisse a fixidez reptante de aquelle olhar, prendendo-o para o levar á campa. Como elle sentiria desfibrarem-se-lhe as carnes, lanharem-se-lhe os ossos, e, afinal, como o seu cerebro latejaria n'um nervosismo de terror, vendo aquelles olhos vitrificados lampejarem, como rindo do seu tormento.

Veria bem as compressões da sua alma latente, as tonturas latejantes do seu coração, desenhadas n'uma espelhação irisada, firme, no fundo sombrio d'aquellas retinas bassas.

Houve um momento em que julguei ouvir uma pancada dentro do caixão. Imaginei que o morto, atormentado pela fixidez dos olhos do carro, erguera os braços para os amaldiçoar, não se lembrando que o caixão lhe aprisionava os membros. No mesmo instante, uma desegualdade do solo fez abalar um pouco mais o carro, e as cortinas de oleado preto, enrugando-se, encobriram metade dos dois vidros. Dir-se-ia que um riso cacarejante de velho os agitara, dando, por instantes, palpebras áquellas duas pupilas, como para responder ao movimento putativo do morto.

E então aquella caixa preta e recurva, como uma garra de breu, pareceu-me um craneo phantastico que se animava ao clarão demoniaco de um cerebro maldito, como se um pesadello de Dante, n'um côro de maldições, viesse vibrar a ultima nota de hallucinação no meu espirito diluido em nevrose...

*

Agora era eu o morto, um morto vivo que sentia a prisão ironica d'aquelles olhos a sondarem-me a alma, querendo arrancar-me tudo o que eu tinha de bom dentro d'ella : rosas, astros, amores... — toda a canção estridente de uns vinte annos incompletos, fumo que o sol da tarde loirece...

Lenta, a noite descia. A massa fuliginosa das nuvens adensava-se n'um negro fumoso de carvão pulverisado, onde escorria o vermelho sanguineo do Poente outumnal. Lisboa estava ruidosa. As ruas de macadam, ensopadas por o ultimo chuveiro, mostravam desigualdades espelhosas de lama, como um trecho de rio, cujas maretas se tivessem momentaneamente lodificado. A luz dos candeeiros publicos accendia fulgurações extrenhas no lodaçal, em um frouxo pittoresco de fogo de santelmo.

E o carro, lento e lento, andava. A attracção de aquelle monstro funebre involvera-me, e eu seguia-o, silencioso, voltando-me a espreitar-lhe as pupilas maldítas, intentando fugir lhe e sentindo-me preso, preso sem saber a quê, mas mais seguro, mais cruelmente preso do que o cadaver estatelado no caixão.

Agora os vidros dividiam os olhares por mim e pelo cadaver, como querendo junctar-nos no mesmo destino funebre ; e eu em vão bramia surdamente contra elle, em vão sentia estorcer-se-me alguma coisa intima : — ia, seguia na lentidão dolorosa dos condemnados, que caminham para a morte.

Pensei se aquillo não seria apenas uma ficção, um visionamento nevrotico, e, n'um momento de falsa lucidez, quiz approximar-me mais do carro. Empuraram-me quando as rodas me iam esmagar os pés. Sentia-me extenue ; a lucta espiritual reflectira-se no meu organismo em uma repercussão de abalos.

E comecei a sentir uma compaixão doida, profunda, incomprehensivel, pelo morto.— E se fosse uma rapariga, uma hysterica de desoito annos, morta com a luz do proprio deslumbramento ?... — E o caixão, oblongo, parecia-me mais pequeno já, sob a toalha de velludo negro, mais delicado mais estreito, com um não sei que de elegancia rigida a contrastar com a lugubre brutalidade do carro.

Era com certeza uma rapariga ; eu via-a já atravez do caixão, com a dupla vista do meu sonho hypnotico.

Levava uns vestidos alvos como a vernia polar, as mãos sobre o peito, e a sua decomposição rescendia a flores de larangeira.

Imajinei-a quasi uma Santa Cecilia, boiando á tona dos estofos de damasco do caixão, o corpo alvescendo em tons de cylinda, entre a toalha mystica dos cabellos de alcaneve, e no rosto a expressão de um sorriso, gelado quando entremostrava flores ..

Principiava a amal-a, e então, aquelle carro teve para mim um novo horror que oscilava entre o do assassino e o do violador selvagem de um corpo que eu cingira n'uma momentanea febre espiritual.

A minha alma — sentia-o bem ! — ia-se deixando cobrir por aquelle manto de velludo negro, e, na anciedade funebre da sua aspiração, eu sentia-a oscultando atravez da tampa do caixão o arythmo de uma dor que me devia irmanar com esse corpo, para todos frio e inanimado, para todos — cadaver, menos para mim que o sentia halar nas preces do soccorro a que o meu espirito allucinado se abria com luminosidades incensadas de capella accêsa.

E na abstração momentanea d'aquelle grande sonho, que arrancou do caixão negro um punhado radiante de lirios immarcessiveis, esqueci o carro cujo olhar vitreo me continuava a fitar, com a insistencia indefinida de quem esmaga sorrindo.

Sahia uma musica surdinada de dentro de aquella tumba, uma orchestração suavissima feita do chôro de Maria da Magdala e da ladainha matinal da Primavera, que só poderia comparar-se ao som que uma rajada de aromas vernaes fizesse vibrar n'uma campanula de crystal.

Devia ser uma santa, essa morta, para assim me fallar de entre o escuro oblongo do caixão n'aquella voz que só as rosas e os violinos falam, devia ser uma santa, devia, porque não era amor o que eu lhe votava, era uma adoração latente, incognoscida, que nos dobra os joelhos em frente dos olhos puros de Maria, e da fronte purificada da rameira de Bethulia !

*

Principiava a chover. Uma sensação estranha despertou-me d'aquelle allucinamento somnambulico. O crepusculo afundira-se na enlodação de chumbo que barrava toda a orla do horisonte, e a noite calcava nuvens sobre nuvens, n'um adensamento tragico de escuridão. Foi então que lançando um ultimo olhar aos olhos do carro, vi duas gottas de chuva, irisadas pela luz dos tocheiros, correrem simultaneamente nos dois vidros, como duas lagrymas enormes...

Lisboa

D. Joãa de Castro

SCENAS BURGUEZAS

E' possivel que alguns dos leitores d'este pequeno estudo do *Velho soffrimento Humano* — que na phrase de J. P. Marat tinha mais de seis mil annos, -- vejam n'elle personagens mais ou menos intencionaes.

Não é porém assim.

Não foi essa a intenção do auctor, por isso que, longe de redigir um libello antes se propoz a escrever um livro util.

A nossa imaginação, a nossa vontade, não importa como, deixou-se fascinar por certas phrases que ouviu e outras por ella creadas, e, sem calculo, sem se preoccupar um só momento de que alguem as possa attribuir a si, viveu longos mezes com ellas ; e adoptando-as, introduzio-as n'este trabalho.

O intento e desejo do auctor é pois, unicamente, prevenir que fracos espiritos ergam o absurdo de que exclusivamente lhe não pertençam os personagens d'este livro.

Uma nota para findar :

Ha poucos annos, Henri Tissandier, tratando do caso *Pot-Bouille* de E. Zola, dizia n'uma das suas mais brilhantes criticas :

« E qualquer, ao saber da sua rabugenta phantasia poderá vir deitar por terra o vosso edificio. Simplesmente, porque lhe desagrada que o seu homonymo ficticio não seja um heroe magnanimo, grandioso, extrahumano. »

« ... Com que direito ? em virtude de que absurda convenção, não pertence um nome a todo o mundo ? »

....

Isto assente, vamos com toda a serenidade de espirito, de quem tem uma consciencia, apresentar o nosso trabalho á imparcialidade publica.

I

PORQUE SE É MAU

No seio de uma familia honesta da pequena burguezia lisbonense, ainda eivada de todos os defeitos organicos das actuaes educações na classe media, vivia uma creança de pouco mais de dezoito annos, e que deveras nos preoccupou o espirito, creando n'elle a convicção de que tambem nos *pequenos meios* se concebem aspirações grandiosas de uma verdadeira heroecidade, ainda que estranguladas pelo interesse mesquinho de vís orientações.

Infelizmente, a indecisas educações, pessima comprehensão do bello, e espirito irresoluto d'estes fracos seres promptos a exaltar todas as impressões que irreflectidamente recebem e perfilham, se devem os factos que ordinariamente denominamos *desgraça* ou *fatalidade*. De resto, quasi sempre obsecados por uma religião decadente que os não conforta, não possuem tambem um raciocinio forte que os abrilhante

Porque, devido ao consequente desmoronar das crenças d'um seculo que, ao findar, revella o periodo de transicção em que não havendo confiança no antigo, no *que passou*, por desauctorisado e decretado insufficiente, — não póde tambem haver firmeza ainda nas novas affirmações *do que chega* da epocha que avança, embora esta venha cheia de esclarecido positivismo, por isso que taes affirmações não calam por ora no animo de todos.

A vida que se aufere nos pequenos centros de civilisação produz, geralmente, uma existencia sem norte, sem objectivo, sem fim proposto. Ha bairros em Lisboa que, — seja devido, ao seu clima sensivelmente modificado pelo modo nocivo, velha rotina, de suas construcções, ou seja por se acharem deslocados dos circulos de grande movimento —, imprimem nos seus habitantes um temperamento apto a todas as doenças do sangue e dos nervos. Ora, como é sabido, nervos e carne são para o corpo humano o mesmo que, as engrenagens, tubos, tirantes e veios, são para as grandes machinas ; e o sangue, é para nós vida, como a agua, o fogo, ou o ar, são para o monstro d'aço o movimento.

A influencia que no sangue póde ter o clima, o alimento, a temperatura, avalia-se d'um modo claro pelos factos moraes ou sensações d'espirito que d'ahi resultam. No sonho, n'este phenomeno, temos evidente prova que vem reforçar muito esta proposição : — não ha ninguem bom nem mau ; *ser forte ou ser fraco* ante as impressões recebidas, eis tudo ! A sonhar, o ente mais pacifico do orbe suppõe-se um guerreiro destemido, e o que é mais : sente as feridas, ouve o clangor dos clarins de guerra, agita-se, grita... é inteiramente uma outra existencia. E porque será isto? E' simples a razão. Pode ser uma pequena irritação que aquentando-lhe o sangue faça subir o vapor d'este ao cerebro e produzir ahi a idéa da bravura !

Emfim, milhares de exemplos se offerecem ao nosso espirito.

Portanto, porque motivo pois, um mau alimento, que tanta vez produz irritações intestinaes, porque não produzirá tambem irritações moraes ? Um mau clima que tanto póde enfraquecer, e até deteriorar, o sangue, — e a temperatura que tanto influe nos nervos ! — não serão motores demais para produzir um « *mau caracter ?...* »

Por consequencia não classifiquemos de *Mal* o que apenas tem o deffeito de não ser lembrado por nós, o que votámos ao ostracismo, nem chamemos *criminoso* o que é producto do nosso abandono.

A theoria actual é esta : porque nobres desejos não encontraram echo no scepticismo na epocha, ou porque altas aspirações não tiveram auxilio, taes desejos e taes aspirações devem condemnar-se e serem calumniadas.

Eis a moral de hoje.

I

TYPOS E COSTUMES

N'um dos bairros de Lisboa em que mais patente se torna o que vimos de apontar, vivia a familia Carrilho composta de marido, mulher e uma sobrinha.

Alojados no terceiro andar viviam n'uma d'essas habitações mal ventiladas, com quartos ao pé da cosinha, o que tanto póde ministrar bom calor como tambem uma boa dóse de rheumatismo.

Mas, diziam-no todos, a casa era boa, tinha uma bella vista, e a tia Genoveva viuva do major Bento e irmã do Carrilho acrescentava :

— Boa ? ! muito boa. Pois então. Ora vejam : uma casa com bomba ao pé por causa d'algum incendio que haja ! Um fogo !...

E continuava a sua catadupa de palavras, muito enthusiasmada e contando pelos dedos :

— Quanto a ar não póde ter melhor : vê-se o Castello, a Penha, a Graça, o mar até á torre do Bugio. E depois por aqui passa tudo, o carro da carne, a carroça do vinho, padeiros, *americanos* para toda a parte... Até os *ripres* começam tambem agora a passarem...

E a boa velhota depois de despejar, com um desassombro que surprehendia, todo este estylo selvagem que faria morrer d'uma apoplexia fulminante Antonio Vieira, Macedo, ou Rebello da Silva, se a ouvissem, sentava-se doutoralmente, enterrando-se nas suas amplas carnes á custa dos gemidos de uma grande cadeira de verga ; e, muito contente de si ficava tudo com os seus olhos pequenos, buliçosos, de viveza esverdeada, felina, que lhe illuminavam a cara gorda, avermelhada, replecta de velhacaria beata.

Sobretudo, affirmava ella na sua canimbalesca linguagem, tinha uma *adoração* pela pequena Carrilho, a Emasita : todas as noites pedia a Deus Nosso Senhor, para que nunca faltassem a esse anginho os que até aquella data lhe tinham servido de paes : — sua irmã D. Joaquina e seu cunhado Florencio Carrilho.

Por tal fórma se ausenta de certas cabeças o raciocinio, que, não entrando ahi a menor parcella de esthetica ou simples criterio, o sentimento do altruismo apaga-se, chegando elles no seu estupido egoismo a commetter indignidades com a mesma naturalidade com que praticariam actos meritorios.

Era assim que a irmã de D. Joaquina, *a boa senhora* D. Genoveva como todos diziam, muito temente a Deus, produzia toda a qualidade de baixeza com um socego que maravilhava ! muito *oradora* era sentenciosa, não pelo ajuizado do que dizia — coitada ! — mas porque *dava sempre sentenças* como dizia o Mario Guerreiro.

D. Genoveva é um vulto, é um typo na familia, caracteristico da epocha. Florencio Carrilho, fôra *n'outros tempos*, em moço, um d'estes espiritos sem elevação, preoccupando se sómente do modo porque deveria vestir bem uma calça ou um frack. Assim tinha passado, consoante as epochas por taful, *lion*, *dandy*, *masher* ; porém o que assombrava era não só querer ainda sel-o, como convencer os outros de que ainda o era.

Jactava-se o elegante Florencio de conhecedor de todas as *virtuoses* da nossa *gomme*, mas o que decerto ninguem acreditava é que o fosse por experiencia propria

Apesar de permanente candidato a *brasseur* de todas as damas da grande sociedade lisbonense, apesar mesmo de se lhes apresentar como intimo, e mais ainda, como *Mentor* dos rapazes estroinas, e de se indicar a estes sopezando *echos* eivados de particularidades de alcova, que ouvira ás creadas, — nem elles nem ellas o tinham por muito iniciado nos mysterios das *cabines*... D'essas seductoras bocetas perfumadas em que a luz é côr de roza ou azul saphira....; onde a voz amortece sob estofos de *pekiá*, e os passos morrem na félpa dos tapetes de Smyrna ; formando, todos estes murmurios e tibieza, um unisono em que os nobres cáem e as frageis se entregam, em completo abandono de si mesmos, como se voassem da terra n'um phantasioso aereostato para as regiões intangiveis dos gozos promettidos de Mahomet.

Não : o bom do sr. Carrilho era recebido em poucas casas e sobre tudo, como diria o auctor do *Ante-Christo*, «faltava-lhe a linha.»

Eis o homem a quem estava entregue a educação e defeza da alma de Ema !

D. Joaquina Carrilho era uma d'estas creaturas excessivamente dominaveis e que nas grandes provações vão até ao sublime, ou até á ultima degradação Fazem lembrar os soldados do exercito britanico que se conservam vinte e quatro horas debaixo do fogo inimigo, vendo cahir seus camaradas um a um, sem darem um tiro porque não tiveram ordem para isso do seu coronel, embora este a não désse porque morrera — proceder de outro modo seria contra á disciplina, *shoking !*... Assim, D. Joaquina, ainda que visse em torno de si erguer-se a maior das desgraças, accenderia vellas a todos os santos, choraria rios de lagrimas, mas... se para evital-a fosse preciso realisar qualquer acto que ainda ninguem tivesse praticado, ou que esse acto não fosse do voto do general Acacio Simões, da mana Genoveva e do *seu* Florencio...— que Deus lhe perdoasse — não o fazia ! o que se não diria depois !

Mario Guerreiro, assiduo commensal da casa, considerava-a perdoava-lhe mais por amor a tudo que vivia na alma de Ema do que realmente pelo motivo de D. Joaquina o merecer. A fraqueza só merece benevolencia ou perdão. As grandes qualidades de espirito, essas sim ! que impõem adoração e promovem brilhante ardor. Comtudo Mario Guerreiro pensava, e era isto que absolvia a D. Joaquina, que se fosse possivel amordaçar a tia Genoveva, saber mais sentenças philosophicas do que as expendidas pelo general Acacio, exprobar ao Carrilho o seu procedimento de barão feudal, pensava, dizemos que se alguem tal conseguisse então seria facil passar esse *Rubicon* tornando D. Joaquina uma senhora de juizo e talvez uma bôa educadora para Ema Carrilho. Porem isto, sabiam-no todos, era impossivel.

Ora com taes directores espirituaes devemos confessar que Ema necessitava de um talento extraordinario, ser quasi um genio, para encontrar em si a chamma que a fizesse brilhar.

O general de divisão Acacio Simões, comquanto homem de espirito fino, attentára pouco no meio que pisava e ali vinha frequentemente porque, sabia-o, lhe chamavam a *providencia d'aquella familia* e o tinham por homem de elevado espirito.

Emfim, o general Acacio Simões, conselheiro de S. M., quando duvidava de si, da sua bondade ou da sua grande finura de espirito, ia convencer-se de que tinha estas duas nobres qualidades em casa dos Carrilhos !

Um pouco cynico, o general, era ainda uma das bellas figuras marciaes que servem de ornamento nas festas regias ; alto, pallido, sorriso estereotypado sob o farto bigode, era o que as mulheres dizem «um homem distincto». Acacio não desgostava de ouvir, ás vezes, a velha parenta Genoveva dizer-lhe com um tom avelhacado.

— O que aquillo foi, em tenente, sabe-o este, e apontava, muito tremente, para o tecto da casa o seu dedo minimo.

Resta-nos uma orfãsinha, neta de D. Genoveva — porque esta já havia *enterrado* o filho e a nora — que tinha o mesmo nome da *Chartreuse de Parma* de Frederico Beyle, e de quem Ema tratava frequentemente ; porque D. Genoveua sentia-se velha, e já sem *geito* para tratar de creanças.

E eis as primeiras partes da companhia que vamos apresentar em scena.

Quanto a Mario Guerreiro em breve o apresentaremos, porque elle, melhor que ninguem, nos dará a conhecer o bello perfil de mulher que fielmente copiámos.

Ora, como nós affirmámos que de *fracos* ou *fortes* era a unica maneira de classificar os individuos perante os factos, vamos deduzir :

Todas as diversas forças naturaes, — como o *sentimento*, o *meio*, e o *temperamento* — que pela inflexibilidade da logica formal determinam naturalmente a linha de conducta em cada ser, são subordinadas a leis fataes como a rota d'um dardo. Acontece, tantas vezes, sem um motivo evidente, accusarmos outrem certos de sua culpa, que não admira que o dr. Vulpian, diga que a nossa espinal medula é um animal dentro d'outro [1]. E porque não confessamos francamente que nos enganamos ? Por orgulho umas vezes, por ignorancia quasi sempre. No segundo caso somos *fracos*, e no primeiro ainda estamos longe de ser o que o grande Goethe [2] chamou a Diderot. Em conclusão não somos *fortes* [3].

(Continua) *Manoel Barradas.*

[1] Porque ás vezes actua de tal modo em nosso organismo nervoso a *spinal-medula* que parece um outro cerebro

[2] *Gesund*—são.

[3] O celebre philosopho moderno Pompeyo Ginner no seu livro *La Mort et le Diable* diz que *Bem* e *Mal* não existem senão como termo de relação.

NOVIDADES E SCIENCIA

NOVA LIGA DE METAES. — Um engenheiro de Newport (Kentucky) acaba de descobrir uma nova liga de metaes dotada de propriedades maravilhosas.

E' formada de ferro temperado, cobre, aluminio e uma liga de bronze e d'um dissolvente.

E' um producto directo da copellação (afinação), sem recozimento e, todavia, póde ser soldado e batido com o ferro.

Segundo o *Echo des Mines et de la Metallurgie* o inventor crê poder fabricar esta liga por preço muito mais baixo que o ferro ou o aço maleaveis.

CONSERVAÇÃO DA CARNE E DAS MATERIAS ANIMAES — Eis um processo empregado na Australia como verdadeiro conservador da carne.

Prepara-se uma solução de sulfito de cal no acido sulfuroso e estende-se sobre carne. O bisulfito de cal a preserva dos ataques da mosca e lhe conserva excellente aspecto.

O seu emprego não apresenta nenhum perigo porque uma parte do acido sulfuroso se volatilisa e o sulfito se transforma em sulfato de cal ou gesso corpos inofensivos, como se sabe.

Uma simples lavagem bastará no entanto para tirar completamente o sulfito no momento de preparar a carne.

Este agente de preparação é particularmente precioso durante os calores do estio. Pode-se recommendar mui legitimamente o seu emprego Encontra-se no commercio em solução mais ou menos concentrada contendo:

Sulfito de cal........	36,73	N.º 1
Acido sulfuroso........	20,46	
Sulfito de cal........	11,04	N.º 2
Acido sulfuroso........	30,04	

Conforme a concentração que seja precisa para a conservação da carne, por mais ou menos tempo.

O TÉLÉGONIOMETRO ELECTRICO MARZI. — A marinha italiana está fazendo em Magdalena experiencias definitivas com o télégoniometro electrico de grande base, proposto por Mazzi, inventor d'este apparelho.

A estação principal estabeleceu-se na ilha de Caprera na bateria dos Stagnoli, armada d'obuzes de 28 para o tiro indirecto. Esta bateria foi construida no fundo de um valle e é separada por uma cadea de montanhas do lado que ella deve defender.

Dois observadores occultos nas arestas das montanhas, a cerca de 1 kilometro da esquerda e direita da bateria observam com oculos d'alcance o navio inimigo. Esses oculos estão munidos de um apparelho electrico especial que registra os menores movimentos e os transmitte automaticamente á bateria. Os desvios angulares dos occulos são indicados sobre um plano ou 10:000.º pelas agulhas cuja intersecção determina a cada instante a posição do navio em relação á bateria.

O navio inimigo será portanto coberto d'uma chuva de projeteis sem que possa atirar sobre uma bateria que não vê e que não tem precisão de ser protegida por obras d'arte de defeza indispensaveis ás baterias a descoberto.

Estas experiencias parecem ser coroadas de successo — diz *la Révue du Cercle militaire* — e teem sido dirigidos com os maiores applausos pelo almirante Labrano.

Primeiramente fizeram-se contra os navios estacionarios, depois contra navios em movimento dando tanto n'um como n'outro caso resultados muito satisfatorios.

S. P.

REVISTA POLITICA

D'esta vez tambem nos chegaram as ferias do Natal. Assim o determinou o director do OCCIDENTE, no numero passado, coisa emfim com que os leitores nada perderam e antes ganharam, recebendo as paginas selectamente litterarias e artisticas que o ultimo numero lhes forneceu.

De facto é muito mais apetitoso e agradavel pensarmos nos perùs e nos *clowns* do Circo, do que na indigesta politica dos nossos dias, muito mais indigesta e nociva que todos os papos de perús recheados, ou as perigosas cambalhotas dos citados *clowns*.

Sobre isto crêmos que ninguem tem duvidas, a não serem aquelles a quem as varias indigestões e cambalhotas politicas tem dado pão para a velhice e tributos para o paiz.

Como, porém, o numero d'estes é menor em relação ao numero dos que fornecem o necessario para as taes indegestões e cambalhotas, temos que n'esta hora ha muito mais gente que se preoccupa com a perna de perú que deve saborear no dia de Anno Bom, do que com o discurso da corôa que no dia seguinte hade ser proferido na sala do parlamento.

D'ali só póde esperar menos perú para a sua meza e mais desillusões para a sua já sufficiente descrença, e então antes o perú e os pelhaços.

Mas, emfim, nós é que não podemos deixar de

cumprir o encargo que tomamos de passar em revista o que vae por este pequeno mundo da politica indigena, e, portanto, não temos outro remedio que voltarmos á vacca fria do inglez, que ha um anno a esta parte é o pesadello constante dos nossos dias e das nossas noites, como o monstruoso *deficit* do Estado é o gaudio dos agiotas e possuidores dos titulos do emprestimo de D. Miguel.

Por uma d'aquellas incoherencias que tanto se repetem na vida do homem como na vida das nações, acontece que justamente quando o paiz atravessa uma dolorosa situação financeira, é que elle vae pagar uma divida que não reconheceu em tempos mais prosperos, e ahi está porque o monstruoso *deficit*, as difficuldades do thesouro, a pezada divida fluctuante (que só assim se chama por irrisão attenta a presistencia com que vive entre nós) são o melhor agente que os possuidores dos titulos de D. Miguel acharam para fazerem valer aquelles papeis que compraram a pezo.

E' pegar ou largar, e o thezouro disse: pego. Podera para grandes males grandes remedios já o disse não sabemos quem, talvez algum que estava nas mesmas circumstancias que o thezouro publico, talvez.

E é assim que nas actuaes circumstancias o paiz cousa e só é pena que os governos tenham descurado tanto a defeza das colonias, que se chegasse ao ponto de ser necessario este sacrificio.

Não nos deteremos mais sobre este assumpto, que tem sido sufficientemente historiado e é velho, e porque o papel em que escrevemos nos está indicando o limite d'esta revista a que temos ainda accrescentar algumas palavras sobre uma outra questão diplomatica que está pendente com o celebre *Estado Livre do Congo*.

Já aqui alludimos a esta questão e o leitor sabe bem quaes as pretensões do citado *Estado* ás terras de Lunda.

A nossa habil diplomacia deu fóros de potencia ao tal *Estado* e não contente com isto reconheceu á Belgica o direito de reforçar as pretenções do mesmo, e d'ahi resultou que a questão é muito mais com a Belgica do que com o *Estado Livre do Congo*.

Postas as cousas n'este pé já se acha nomeado por parte da Belgica um representante para tratar a questão junto do governo portuguez, e falla-se em varias arbitragens para resolverem o negocio até á ultima instancia, porque emfim o que a Belgica quer para o seu *Estado Livre do Congo* é a Lunda.

BRAZIL — O MONTE DA GLORIA, NO RIO DE JANEIRO

(Segundo uma photographia)

vae dar uns oitocentos contos por papeis que tem sido o joguete de agiotas e que o governo portuguez de ha muito devia ter remido, locrando para o paiz o que vae agora dar de ganho aos mesmos agiotas.

Esta é a novidade mais importante dos ultimos dias, novidade com que afinal ninguem se alvoroçou em Portugal, onde parece que não ha fumos de taes titulos, e porque de resto, veio acompanhada da noticia muito mais grata para a mandreice nacional, de que estava contractado um emprestimo de trinta e seis mil contos!

Assim solver-se-ha a tal eterna divida fluctuante, que apezar de cortada rente, crêmos bem que rebentará de novo, porque as raizes são fortes e o chão não será salgado.

Voltando á questão ingleza, continuam os preparativos para a expedição militar que deve partir para Moçambique quando Deus e os homens quizerem. Se até já apparecem opiniões contrarias á expedição, de que ella nada vae fazer lá.

Ora nos, não estamos muito fora d'estas edeias sob o ponto de vista guerreiro, pela simples razão de que quando a expedição lá chegar não encontrará o inimigo a ajuizar pelas boas palavras da nossa *fiel alliada*; mas como a mesma expedição não vae fazer guerra á tal nossa *fiel alliada*, e tão sómente occupar os territorios que os subditos de sua *graciosa magestade* nos querem roubar, entendemos que a expedição sempre fará alguma

E assim vae Portugal despojando-se do seu imperio africano sem interesse nem gloria.

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

ALBUM PHOTOTYPICO *e descriptivo das obras de Soares dos Reis, precedido d'um perfil do grande artista* pelo dr. Alves Mendes. Edição do Centro Artistico Portuense. Porto, Typographia Occidental, 1890. Fasciculos 11.º a 23.º com que concluiu este precioso album em que a par das reproducções de obras do natavel esculptor, se encontra a sua biographia escripta pelo insigne orador sagrado o sr. dr. Alves Mendes.

Justa e levantada homenagem prestada á memoria do desditoso artista pelo Centro Artistico Portuense.

JORNAL DE HORTICULTURA PRATICA, proprietario José Marques Loureiro, redactor Eduardo Sequeira. Vol. XXI, n.º 12, dezembro de 1890. Porto. Com este numero concluio a publicação do XXI vol. este excellente periodico, o primeiro que, no seu genero, se publica no paiz.

ARTE MUSICAL. *Revista quinzenal de musica, litteratura, theatros e Bellas-artes*, director litterario João de Mello Barreto, proprietarios Motta Junior & Rodrigues, Lisboa. Acompanha este numero a musica da valsa *Auge d'Amour* de Emile Waldteufle. Excellente publicação.

CATALOGO N.º 69, Karl W. Hersemann, librairie ancienne et moderne a Leipzig Konigsstr, 2. Livros antigos e modernos sobre historia de Hespanha e Portugal. Esta livraria envia os seus catalogos a quem os pedir.

PUBLICAÇÕES DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA:

Astronomia Popular, de Flammarion. Fasciculo 46. Preço 80 réis.

A Terra Illustrada, por O. Reclus. Fasciculo 36. Preço 100 réis.

Linda de Chamounix, por A. d'Ennery. Caderneta 59. Preço 60 réis, edição illustrada.

O Diabo na Côrte, por Ortega y Frias. Caderneta n.º 13 (folhas 31 a 36, 2.º vol.). Preço 60 réis edição illustrada.

A Moda Illustrada, jornal de modas para senhoras. N.º 288, correspondente a 15 de dezembro. Preço 200 réis.

O Elegante, jornal de modas para homens. N.º 90, correspondente ao mez de dezembro. Preço 400 réis.

Egypto, por Jorge Ebers, traducção do sr. Olivdira Martins. Edição monumental illustrada com explendidas aguarellas e gravuras. Fasciculo 16. Preço 200 réis.

Bibliotheca Universal Antiga e Moderna, vol. 67 — *Raphael*, por Lamartine. Preço 100 réis.

Bibliotheca do Povo e das Escholas. Serie 23.ª cartonada. Preço 500 réis. Contém 8 volumesinhos tratando de differentes assumptos.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro 25 a 43